

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remittida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida a administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 33

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos amaveis assignantes que ainda estão em divida, o distincto obsequio de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, relativamente ao 1.º semestre vencido já no mez de junho ultimo, e os de fóra podem-n'o fazer por meio de vales do correio.

Esperamos que o nosso pedido seja attendido—e pelo correio mandaremos os recibos.

BRAGA

SABBADO 9 DE SETEMBRO DE 1882

À LA LANTERNE!

Quem haverá ahí que não sinta, que não lacteie em meio d'este combate de todos os partidos revolucionarios e de todas as ambições, d'este turbilhão em que os systemas, a philosophia social e as intollerancias faciosas fazem tanto fumo e tanta poeira, n'este momento em que nas penumbras compactas de theorias e paixões se esconde ainda velada, com formas indicias, a estatu do futuro; quando ao fixar-se o horizonte se ouve o ruido da palavra humana dizendo o mesmo motte em todas as linguas, por todas as boccas; quem haverá ahí dizemos, que não fixando sobre esta ebullição social um olhar attento, possa, a um acceno de auctoridade fazer parar o astro que já irrompe do Oriente, esse astro, essa luz que a Providencia accendeu, esse dia em que se cumprem os destinos das nações?

A mão que indica aos povos o caminho das grandes evoluções, a linguagem que os entusiasma, não é a de um homem, não é a de um partido, não é a das paixões; é a consciencia universal que impulla, que falla, que opera, que conquista, que subjuuga, que vence.

Essa consciencia forma-se na hora das provações, no martyrio, nas dores profundas, nos desenganos e na desesperança. Nasce em uma fonte inexaurível de bens—no amor, no poder instinctivo com que um povo cre na propria força e se ergue para si.

Não está por tanto nas forças de uma palavra que se perde nas azas do vento fazer levantar-se uma nação contra um systema perdido, e contra governos bastardos, quando o povo tem um sangue rico e puro, entranhas fecundas, para se agitar a si proprio e produzir os grandes acontecimentos.

É evidente que para o descredito da actual ordem de coisas não é mister a propaganda da imprensa, nem a força repressiva da auctoridade; não se carece nem do artigo politico que no correr da penna são, mais ou menos virulentos, nem na vingança dos que são magoados.

Um governo illegitimo asoberba o paiz, cõe podre todo o organismo constitucional, esfacelam-se os partidos da revolução, geme o paiz deante de tanta corrupção, de tantos aniquilamentos, de tantas violencias e de tantas humilhações. O que d'aqui resulta é a geral indignação, é uma esperanza que se aninha em todos os peitos, é uma conspiração intima, que liga uns aos outros os filhos da patria, como que movidos por um instincto, por um poder natural, que evangelisa na consciencia, que se move no coração, que agita as massas, que as conduz às mesmas necessidades, aos mesmos impetos e ao mesmo futuro.

A revolução que ha-de emancipar o povo portuguez, a que ha-de derribar tudo quanto a revolução liberal plantou de exotico n'esta terra, desde as instituições até a dynastia, desde o systema de governar até á decadencia dos costumes, existe, vigorosa no animo da nação. Não ha-de ser a *Cruz e a Espada* que a ha-de dar á luz, nem certamente é o snr. Governador civil de Braga, quem a ha-de matar, embora a embrulhe nos seus officios e nos seus alvarás, e a mande enterrar pelo ministerio publico.

A auctoridade pode chegar a suprimir um jornal porque lhe não agrada; mas não poderá impedir que uma onda do povo que se agita no soffrimento, supprima de um dia para o outro uma auctoridade que lhe não convem.

Pouco importa ao partido legitimista, e menos ainda á nossa folha que uma perseguição mais nos venha do campo liberal; o que nos importa é o que agradecemos ao illustre magistrado administrativo, que nos entregou ao poder judicial por haver sahido n'esta folha alguma coisa que não agradou ao seu liberalismo phosphorico, é o ensejo que nos proporciona de ser mais uma vez lido o artigo querellado, e de alcançarmos mais um triumpho no espirito publico.

Ou fosse de moto proprio que o snr. Jeronymo da Cunha Pimentel, governador Civil de Braga, tomou a resolução de reclamar a applicação da lei contra esta folha, ou fosse por exigencia dos seus amigos politicos, é certo que s. ex.ª se não collocou na melhor situação para resistir aos comentarios do publico; por que ou o snr. governador Civil é um completo titine nas mãos dos seus amigos, e como tal incapaz de exercer o cargo que exerce, ou s. ex.ª se esqueceu de tudo quanto deve ao partido legitimista, desde o seu mais remoto passado, e estabelece uma fronteira indestructivel entre s. ex.ª e este partido.

Fazemos inteira justiça á independencia de caracter do snr. Jeronymo da Cunha Pimentel. S. ex.ª como governador civil está muito proximo do governo e do throno, carece de ser mais regenerador do que o snr. Presidente do conselho, e mais monarchista constitucional do que o snr. D. Luiz.

Assim o devemos crer, por que ainda ha poucos dias, na presença do snr. Presidente do conselho e do snr. D. Luiz, era distribuida no Porto uma folha republicana a qual da primeira á ultima linha não só se referia pouco respeitosa ao chefe do Estado, mas se lhe dirigia directamente em uma carta assignada por seu auctor, na qual em nome do paiz, o snr. Magalhães Lima dava passaporte ao representante da actual dynastia. Até hoje não consta que o snr. D. Luiz gemesse pelo ultrage, nem que o snr. Fontes reclamasse contra a *Folha Nova* a intervenção do ministerio publico.

O snr. Jeronymo da Cunha Pimentel ou deu portanto ao governo e ao snr. D. Luiz uma severa lição de dignidade, ou d'esta forma quiz penitenciar-se de velhos peccados...

Braga espanta-se do facto e tanto mais quanto é certo que entre os partidos tem aqui existido sempre um tal ou qual espirito de tolerancia e de reciprocos respeitos, que não devêra alterar-se.

Ainda ha poucos annos se conspirava em todo o paiz contra a dynastia e contra as instituições. Estava então no poder o governo progressista. Alguns cavalheiros de representação de Braga faziam parte d'aquella conspiração. Entravam e sahiam occultas da cidade emmissarios, que traziam e levavam correspondencias. O governo tinha conhecimento dos factos, e prevenira d'elles o então governador civil do districto, para que vigiasse e providenciasse. Existem ainda algumas d'essas correspondencias, o que prova a voracidade da conspiração. O que fez então a auctoridade? Braga vio a

prudencia e circumspecção com que ella se houve. O snr. Jeronymo da Cunha Pimentel poderia ler algum documento d'aquella epoca que ainda existirá archivado na sua repartição, e d'ali aprenderia como procedem as auctoridades independentes e cordatas.

Não vivem já os principaes chefes d'essa grande conspiração, mas existem os documentos historicos que dão luz e justiça; documentos que não pertencem ao fóro particular de ninguém, mas que são da historia; que não tem já um valor criminal pela distancia das suas datas; mas que tem um valor moral pela sua alta significação.

E note-se que se tratava de uma conspiração em forma, que se estendia dos clubs ás casernas, da imprensa ás assembléas populares.

Ora o que agora estimulon a sensibilidade, a dedicação, os nervos politicos do illustre governador civil foi menos e muito menos que uma conspiração, o que demaisiado nos pêsá.

Esta folha atacando os pontos vulneraveis dos seus adversarios exerce um direito commum a todos os partidos. Tendo que referir-se á historia dos acontecimentos do dominio publico, ha-de, máo grado seu, dirigir-se ao chefe do Estado, envolvido como está nas responsabilidades da administração e da intriga, desde que o partido regenerador inaugurou o governo pessoal, e rasgou as irresponsabilidades que a Carta Constitucional confere ao rei. Se poseram o rei fóra da lei, como querem a politica dentro da lei?

O snr. governador civil e a lei não podem fazer immudecer a historia.

Desde que a imprensa official do partido progressista prometteu pôr escriptos no palacio da Ajuda e pediu *albarda ao real senhor*, parece que o real inquilino d'aquella palacio deveria mandar ao poder judicial commendar as albardas pedidas; não aconteceu porem assim: o chefe do Estado chamou aos conselhos da corôa os que o accusavam de cumplice nos erros do partido regenerador, e agraciou prodigamente os seus detractores.

Se houve subtileza n'este facto, o snr. Jeronymo Pimentel não lê pela mesma cartilha. S. ex.ª não tem diplomacia, tem diphloppia para fazer do que é simplesmente politica uma coisa simultaneamente criminosa, esquecendo até que a *Cruz e a Espada*, se algum partido liberal tem lisongeado, é o partido regenerador que mais tem a agradecer-lhe. S. Ex.ª conhece mesmo pessoalmente e por experiencia propria muitos factos politicos que se relacionam a cada um dos caracteres que hoje persegue: se nos occorrer arrastar o snr. Jeronymo Pimentel do seu gabinete de governador civil ao banco das nossas testemunhas de defeza, que triste figura fará o accerrimo propugnador da dynastia do snr. D. Luiz, o valente perseguidor da imprensa legitimista, o D. Quichote da situação obrigado pela lei a satisfazer a todo o interrogatorio que nos fór util fazer-lhe face a face na presença do publico !!!...

Este pobre partido regenerador chega a fazer dô! São elles que nos lançam a pedra! São elles! Os mesmos que tem por chefes os homens que insultaram a sr.ª D. Maria da Gloria em tudo quanto uma mulher pode ter de mais sagrado e de mais querido! Elles que foram mesmo deante do throno covardemente affrontar a rainha e a mãe, cuspiendo na veste candida de uma senhora exemplarmente virtuosa a baba imunda da calumnia! Elles! esses mesmos que sobre a ponte de Coimbra se lançaram ás redeas do cavallo montado pelo snr. D. Fernando Coburgo, para obrigarem o marido a escutar tudo quanto a grosseria e o desrespeito podem proferir contra um homem de bem!

São elles que nos lançam a pedrada! Elles, que se não recordam já de que em quanto tal faziam contra aquella augusta

senhora, que representava a mesma dynastia que hoje tão calorosamente é defendida pelo chefe dos regeneradores de Braga, o partido legitimista hospedava fidalgamente a augusta sobrinha do senhor D. Miguel I, honrando-se de a honrar!

Como os tempos mudam! Lá iremos aos tribunaes, mas comnosco irá a historia. Poderemos então ser julgados pela lei e pela opinião. Se uma nos condemnar, ha-de absolver-nos a outra.

Em todo o caso a situação do snr. governador civil será sempre mais critica do que a nossa, por que o escandalo haverá produzido o effeito que os escriptos incriminados não lograrão produzir.

E rira bien qui rira le dernier.

RELIGIÃO

A INSTRUÇÃO SEM DEUS

Depois do horrivel cataclysmo de 1793 houve em França um elevado espirito e um braço de ferro que conseguiu refrear os impetos sanguinarios e assoladores da revolução, e que muitas mais e muito maiores coisas faria se não fosse o fermento revolucionario que n'elle actuava, e o demonio da soberba que chegou a dominar-o e enlouquecel-o. Esse homem foi Napoleão I. Como encarava a instrução athêa, esse que chegou de simples official a ser monarcha omnipotente?

Um dia, mandou chamar a Saint-Cloud M. Foucroy e M. de Fontanes, presidente do corpo legislativo, a quem já na mente do imperador estava destinada a direcção do ensino publico; e expor-lhes as suas idéas n'uma conversação que durou duas horas. Napoleão, n'aquelle surpreendente monologo, disse M. de Fontanes, mudava a cada instante de tom: ora sereno, simples e familiar, ora andando a largos passos diante de nós, com o olhar inflamado e como enebriado-se com a sua propria palavra.

Acabava de fallar da necessidade de dar um lastro á alma dos jovens por meio da educação. É preciso, dizia, formar-me estudantes que saibam ser homens. E vós credes, exclamou de subito levantando a voz, e como dirigindo-se a um adversario invisivel, credes que o homem pôde ser homem se não tem Deus! Em que ponto de apoio firmará a alavanca para levantar o mundo, o mundo das suas paixões e dos seus furores? O homem sem Deus vi-o eu em acção desde 1793. Esse homem não se governa, metralha-se. D'esses homens tenho bastantes!... Ah! é esse homem que quizereis fazer sahir dos meus collegios? Não, não, para formar o homem que nos é preciso, empregarei Deus comigo; porque se tracta de crear, e vós ainda não encontrastes provavelmente o poder creador!

Disse d'um modo admiravel na sua linguagem energeticamente militar Napoleão I: o homem sem Deus não se governa, metralha-se, por que é o maior e o mais perigoso inimigo da sociedade. É d'homens d'estes que a revolução pretende povoar o mundo, por uma parte combatendo e calumniando o ensino puro e saudavel da Igreja, e por outro impondo pela força e pela prepotencia o Atheismo desde a instrução primaria! Ora, é sabido que as escolhas sem Deus são expressamente condemnadas na proposição 48.ª do *Syllabus*. Podem os catholicos esperar uma manifestação mais clara do pensamento da Igreja que a que se contém nas palavras seguintes de Pio IX!

«Em todos os logares e em todos os paizes onde se executasse este pernicioso intento de subtrahir as escolhas á authoridade da Igreja, e onde a juventude estivesse, por conseguinte, miseravelmente exposta ao perigo de perder a fê, seria certissimamente para a Igreja uma obrigação rigorosa não só

fazer todos os esforços e empregar todos os meios para proporcionar a essa juventude a instrução e educação christãs que lhes são necessarias, senão tambem advertir todos os fiéis e declarar-lhes que *não se podem, em consciencia, frequentar semelhantes escholas* instituidas contra a Egeja catholica. «Carta de 14 de julho de 1864 ao Arcebispo de Friburgo em Brisgau.»

A linguagem de Leão XIII não tem sido nem menos precisa, nem menos firme que a do seu immortal predecessor. Na allocução dirigida ao Sacro Collegio a 20 de agosto de 1880, por exemplo, condemnou Leão XIII a lei belga, menos tyrannica todavia que a franceza, e fez os maiores elogios á resistencia que oppozeram os catholicos da Belgica á mortifera influencia d'aquelle lei.

Vejamos agora como os Bispos d'aquelle catholico paiz fallaram em tal occasião do ensino sem Deus; porque na Belgica os Prelados são o que devem ser em todas as partes, sentinellas vigilantes do edificio espiritual.

«Nossos carissimos Irmãos,—diziam elles na sua magnifica pastoral,—não é esta a primeira vez que, em nome da independencia civil, se advoga a exclusão do padre da eschola e a instrução puramente leiga. A revolução franceza, que se manchou com todos os excessos e que cobriu todo um vasto paiz de sangue e de ruinas, ensaiou, no fim do seculo passado, o systema d'educação que a paixão anti-christã quizera hoje applicar de novo. Expulsara o padre da eschola; banira d'ella o crucifixo e todos os emblemas do christianismo. E que succedeu?... Um grande ministro de Napoleão I se encarregou de o dizer ao mundo, dez annos depois da inauguração d'esse systema. Tendo pedido, por ordem do imperador, aos conselhos geraes dos departamentos um relatório á cerca do estado da instrução, da educação e da moralidade publica em França, eis a pintura que o ministro Portalis fez da situação, do alto da tribuna do corpo legislativo, a 15 germinal anno X:

«Escutemos, disse, a voz de todos os cidadãos honestos que, nas assembleas departamentaes, exprimiram os seus votos sobre o que se passa ha dez annos diante dos seus olhos. É tempo de que se callem as theorias ante os factos. Não ha instrução sem educação, nem educação sem moral e sem religião. Os professores ensinaram no deserto, porque se proclamou imprudentemente que se não devia fallar de religião nas escholas. A instrução é nulla ha dez annos.

«As creanças estão entregues á mais perigosa ociosidade e á mais assustadora vagabundagem. Não tem idéa da dividade, nem noção do justo e do injusto. D'onde costumes ferozes e barbaros: d'onde um povo cruel. Se se compara o que é a instrução com o que deveria ser, não se pôde deixar de gemer pela sorte que ameaça as gerações presentes e futuras. Por isso, concluiu o ministro, *toda a Franca chama a religião em auxilio da moral e da sociedade.*»

«Eis ahí certamente, N. C. I., uma condemnação sem appellação da eschola sem Deus. Foram os proprios factos que demonstraram, com a evidencia da sua aterradora realidade, que ella não pôde produzir senão costumes ferozes e barbaros, uma juventude sem principios entregue á vagabundagem e á corrupção, e gerações impacientes de todo o jugo que poem em perigo a sociedade...»

Desgraçadamente, se não de direito, tal é de facto a instrução entre nós; e d'ahi a corrupção immensa e profunda que vae no corpo social.

A. Moreira Bello.

PEREGRINAÇÃO A ROMA

Está proximo o dia em que os peregrinos do Arcebispado de Toledo hão-de realisar, mercê de Deus, sua piedosa peregrinação a Roma, á capital do orbe catholico, a fim de se prostrarem ante o Augusto Vigário de Jesus Christo sobre a terra, e prestarem ouvidos ás suas admiraveis palavras, offerecendo-lhe, mais que um pequeno abulo, a homenagem do coração, e a filial obdiencia mais explicita. É chegado o momento em que a Commissão executiva, nomeada pelo Em.^{mo} Senhor Cardeal, Arcebispo de Toledo, publique as bases, sobre as quaes se poderá verificar a viagem de ida e volta desde Madrid até á Cidade Eterna.

O caminho designado pela commissão, depois de haver sido approvado por Sua Eminencia, tendo em conta as condições de

economia e brevidade, foi o de Madrid a Roma por Barcellona e Cete, havendo-se obtido a baixa de cincoenta por cento sobre o preço total de todas as companhias dos caminhos de ferro hespanholas e algumas francezas. Isto permite desde já fixar os seguintes preços:

BILHETES DE IDA E VOLTA

1. ^a Classe—1460—reales—633700
2. ^a » —1070— » —483130
3. ^a » —750— » —333730

Este itinerario permite aos peregrinos visitar em Saragoça a Santissima Virgem do Pilar e em Barcellona a veneranda imagem de Nossa Senhora das Mercês, patrona da capital de Catalunha, por tantos titulos notavel.

Havendo-se determinado para maior commodidade dos peregrinos, e de accordo com as condições das companhias dos caminhos de ferro trasladarem-se a Roma em grupos que não podem baixar de 40 viajantes nem exceder a 150, servindo-se dos trens ordinarios, mas commodos e seguros, os que primeiramente se subscreverem no registro de Peregrinação, sairão de Madrid no dia 22 de Setembro proximo e os demais no dia immediato, ou immediatos. A commissão reserva-se o direito de diminuir o numero de um grupo para completar outro que tenha de sair nos dias posteriores.

Os peregrinos observarão as instruções seguintes:

1.^a—Antes do dia 8 de setembro remetirão ao sr. secretario geral D. José Maria Carrilla, rua do Amor de Deus, n.^o 13 e 15, 2.^o, esquerda—Madrid—o aviso correspondente acompanhado do preço total do bilhete. Se se acharem fóra de Madrid enviarão documento de facil cobrança em carta registada, recebendo immediatamente um bilhete provisorio com o sello da Peregrinação, que depois se trocará pelo bilhete definitivo, que servirá ao peregrino para quanto se refira á viagem.

2.^a—Os peregrinos que houverem de emprender sua viagem desde a Corte se acharão precisamente em Madrid no dia 20 de setembro e ás 10 horas da manhã do mesmo dia se dirigirão á sala de Juntas da Parochia de S. Luiz Bispo, sita na rua de la Montera, a fim de receber as instruções necessarias e darem-se a conhecer aos chefes e auxiliares do grupo, com quem tem de entender-se em todo o caminho, os quaes lhe entregarão os bilhetes em os distinctos «trajectos» que ha-de percorrer a Peregrinação.

Como por causa do verão se acharão fóra de Madrid não poucos que hajam de incorporar-se á Romaria, sendo-lhe mais facil em alguma das estações principaes do transito, as companhias dos caminhos de ferro concederão igual abatimento de cincoenta por cento aos que se unirem á Peregrinação nas estações de Siguenza, Saragoça e Barcellona, descontando-lhes por consequencia o importe do «trajecto» que deixaram de percorrer.

Os que assim o quizerem deverão avisar o secretario com toda a clareza ou remeter-lhe o importe do bilhete para que este os possa avisar do dia e hora precisa em que devem achar-se na estação escolhida das acima indicadas.

3.^a—Havendo exigido as empresas dos caminhos de ferro que se lhes diga com anticipação o numero de peregrinos que acudirão á Romaria para disporem o material necessario, é indispensavel que se apressem todos os romeiros a escrever, a fim de que qualquer demora em ponto tão interessante não lhes irroge prejuizos, que a Commissão sentiria não poder evitar.

4.^a—As Empresas determinaram que os peregrinos só levem o que segundo os Regulamentos é permitido levar na mão e collocar dentro do comboyo.

Os que quizerem levar maior bagagem poderão fazel-o, facturando-a, e pagando o total do peso; mas convem advertir que os direitos são bastante crescidos.

6.^a—Os que quizerem aproveitar as vantagens que offercem as viagens circulatorias por Italia darão d'isto conhecimento ao chefe do grupo, que lhes proporcionará o opportuno bilhete, pagando antes o excesso do valor entre o abonado e aquelle importe.

6.^a—Como o «trajecto» é de não pequena consideração, a fim de que se faça a viagem com o menor encommodo possibile, se descansará em Saragoça, Barcellona, Marsella e provavelmente em Genova.

7.^a—Desejosa a Commissão executiva de proporcionar aos romeiros as maiores vantagens possiveis, obtave igual abatimento de cincoenta por cento aos que desejem

voltar por Irun a fim de visitarem o celebre santuario de Nossa Senhora de Lourdes e concorrer ás festas do Centenario de Santa Thereza de Jesus.

Esta viagem custa um pouco mais e os que desejem fazel-a deverão avisar o sr. Secretario geral. Isto é indispensavel por que tem de avisar-se com bastante anticipação uma das Empresas de França, por certa combinação precisa que se poderá realisar em Roma.

8.^a—Como a Romaria é um acto essencialmente religioso o Em.^{mo} Senhor Cardeal Arcebispo de Toledo que a preside, ou o Senhor Prelado a quem designe, disporá as preces que se hajam de fazer em Madrid antes da viagem, as que se hão de verificar na mesma e as que julgue mais proprias na capital do orbe catholico.

9.^a—O regresso não poderá verificar-se trinta dias depois da saída. Os grupos serão organizados na volta, segundo a conveniencia dos peregrinos, combinando-se as expedições de maneira que sejam attendidas as mais justas considerações, especialmente se for possibile chegar a Saragoça o primeiro grupo para os dias em que se celebram as festas da Virgem do Pilar no proximo outubro.

10.^a—Recommenda-se muito eficazmente aos romeiros que vão providos do respectivo passaporte, passado pelo sr. governador civil da Provincia e visado pelo sr. consul de Italia para evitar todo o embaraço. Igualmente se previne que nas fronteiras não revistas as bagagens com toda a minuciosidade.

11.^a—Para intelligencia dos peregrinos, os preços de alojamento e manutenção em Roma são ordinariamente 40 reales em 1.^a 28 em 2.^a e 16 em 3.^a (1500 rs.—15260 e 720).

12.^a—Em casa do Secretario poderão receber os peregrinos, pelo seu preço, uma medalha da Peregrinação e uma guia.

13.^a—A Commissão executiva lembra que muitos catholicos excellentes desejam ir a Roma e carecem de recursos. Se as pessoas de posição desafogada ao remeterem o importe do seu bilhete mandarem mais alguma coisa para ellas, farão uma boa obra, cooperando d'este modo para o bom exito da Peregrinação. As orações dos pobres que formam o principal thesouro da Egreja asseguraram uma feliz viagem.

14.^a—A Commissão roga finalmente aos catholicos que deem a maior publicidade ás precedentes condições, dirigindo-se para todos os esclarecimentos ao Secretario geral.

Madrid 21 de Agosto de 1882.

Carlos Dias Guizarro,—presbytero, P.^o Luiz Azevedo—José Salameiro, presbytero, Leon Carbonero y Sol—Marquez de Valle Ameno—Vicente Ortí—José Maria Carrilla.

CORRESPONDENCIAS

Londres, 1 de Setembro de 1882

(Do nosso correspondente)

Estimei que as minhas cartas de 18 do proximo passado Agosto apparecessem ambas na mesma folha, e viessem com poucas incorrecções; assim mesmo, convirá notar (pois que o assumpto é de mais que corriqueira importancia) as faltas a que escaparam e que alguma coisa damnificam o sentido—que em documentos assim, convem não contemha incorrecções ou equivecos.

Logo no primeiro paragrafo, e na penultima linha d'elle, as palavras «em proposições naturaes» precisám emenda: «em proposições naturaes», é o que escrevi e deve ser, para não ficar uma cousa inintelligivel.

No 2.^o §, linha 9, a palavra *fáticas*, que nada significa, deve ser «fatuas».

Na 2.^a columna, § 8, lin. 1.^a, as expressões.—«A Não aproveitava logo D. Padre—que não dizem bem exata a causa, devem ser: «Anno aproveitou-a logo D. Padre!»

Na ultima linha do § nono da mesma columna, o segredo da *força* de abdicção, deve ser, «da *farça* de abdicção».

As faltas apontadas precisám correção em documento historico de tal gravidade.

Outra cousa farei tambem observar:—Quando se apresenta um documento assim em jornal serio, não se deixa como qualquer noticia corriqueira, sem se chamar sobre a materia tal ou qual attenção; como aqui fazem as folhas serias a importantes, nos seus artigos *leadings*, «ou directivos» (que é a verdadeira significação do termo); e

quer dizer, *que chamam attenção particular áquella materia*, por sua importancia; que tratam de fazer apreciar aos leitores muitos dos quaes, de ordinario, não estão aptos a por si sós apreciarem o valor de documentos e factos de certa importancia mais especial, ou não tem tempo de ruminal-os bem per si mesmo, ou tomar-lhes bem o peso.

À vista dos factos authenticos e exactos que revelei nas minhas duas cartas de 21 do p. p., todo o homem de rasão apreciará a *dealdade* da nossa mentirosa liberalada, e de D. Pedro mesmo; em entender ter vindo capitanear os Refugiados Portuguezes que se achavam aqui, e os insurgidos da Terceira; quando encontrou gorado o Imperio Iberyico, com cuja esperanza a Maçonaria e a Revolução o embalara.

Deixou o Imperio Brazileiro (tambem de creação pérfida, maconica, e tãla,—; como se valera mais outro Imperio phantástico Peninsular do que o esplendido Imperio de Portugal, Brazil e Algarves, com suas magnificas e riquissimas Possessões, nas Quatro Partes antigas do Mundo—e que então podia ainda ir occupar uma porção da Quinta (a Australia) que por um Portuguez fóra descoberta.

Que mereciam os Apóstolos Maçonicos de 1820, em ter destruido o unico imperio que, mesmo assim em embrião como então estava, dava cuidado grave á Inglaterra—que vê ao longe mais do que outra qualquer nação; e por isso, já desde 1810 mirava a destruir aquelle gigantesco embrião do rival, que sabia ter melhor que outro qualquer Estado, proporções de competir com ella?

Os nossos antigos e habéis negociantes estabelecidos em Londres, e de que eu conheci ainda alguns, tinham salido (haviam 10 annos em 1820) apreciar bem o que Portugal podia ser em relação á Inglaterra; quando estranhavam e condenavam tanto o Tratado feito em 1810, agenciado por *Strangford*, abrindo os nossos portos coloniaes ao commercio Inglez, etc. E comtudo, isso era cousa que se não podia evitar, anno mais anno menos; ainda mesmo que não tivesse, logo depois, surgido o vapor, com todas suas immensas forças e consequencias; que tinham, necessaria e naturalmente, que alterar e modificar todas as relações e circumstancias commerciaes do mundo.

Seguido isso ainda, em poucos annos depois, pelos milagres estupendos da electricidade, que aniquila distancias, e nos diz, dentro de poucos minutos, o que está succedendo na China ou no Japão!

Quem se não ha de rir de desprezo e compaixão, vendo as apothoses feitas, pelo *Conimbreense*, por exemplo, aos «Apostolos» maçonicos de 1820, que illudiram, enganaram a Nação, destruíram o nosso Imperio, e de Potencia que, mesmo em embrião, por assim dizer, como então se achava, hombraava já com as Potencias Primeiras da Europa—como irrefragavelmente o testemunham as Actas do grande Congresso de Vienna!

E a nossa papaloda maconica abaixa reverente a estúpida cachola, quando pronuncia, ou ouve pronunciar, o nome de *Manoel Fernandes Thomaz*; como se elle tivesse prestado a Portugal o maior serviço em abaxal-o da categoria das Primeiras Potencias Europeas, a ser a ultima, hoje das mesmas—salvo, talvez com excepção d'algum d'aquelles Estadistas imperceptíveis, ultima e recentemente manufacturados de aparras feitas á Turquia!

¿Não se ha de a gente rir de desprezo, e azedar-se de zanga, ao mesmo tempo, lendo os nojentos encomios a *Fernandes Thomas*, e aos outros Patriotas—ás vassas de 1820, por terem, graças á Maçonaria, feito de Portugal um pigmeo miseravel, de um nobre e poderoso gigante que era já em suas proporções, e que hoje o havia de ser já grandemente de facto e em realidade?!

A senhora Maçonaria, porém (vista ao *Conimbreense* do amigo *Martins*), entendeu, que o Brazil era uma excrecencia nociva, e que convinha, para bem d'elle e de Portugal, em pequenital-os ambos! ;E adora ella *Fernandes Thomaz*, por ter dito insultante e contemptuosamente aos Deputados do Brazil, no congresso das Necessidades, acenando-lhes com a mão (e chamando-lhes Brazil que elles representavam):—«O Brazil quer-se separar? Pois, adeos, Senhor Brazil; passe por lá muito bem; não nos faz cá falta alguma» (não pertendo repetir as formaes palavras, porque não tenho aqui o registro dos debates; tal foi porém o sentido e sustancia de tão «patriotic» exclamação.—Mas viva o Liberalismo e o Patriotismo «Liberal»—e o amigo *Martins!*...)

A. R. Saraiva.

Villa Verde, 8 de setembro de 1882

(Do nosso correspondente)

Eu não escrevo para as turbas famintas d'um escandalo, para o circo dos apopadores d'uma virtude, nem para os que esperam o *Ecce-Homo*—com a ansiedade d'um emperario de tablado de feira.

A minha voz começou d'erguer-se para corrigir muito aviltamento, muita degradação, e o feudalismo do vicio, em que se encharcavam uns poucos de birbantes, tablhados pela sorte para outros destinos.

Tinha o pensamento de levantar esses homens do lodo vil em que se immundavam de os fazer experimentar alguma ideia do bem, e de os purificar no cadinho da reprehensão, para que deixassem de ser deshumanos, traficantes e viciosos.

Tampouco era uma utopia o meu apostolado, como não accendi o archote da revolta, para mostrar ás massas a porta de cala criminoso.

A minha correção era quasi em familia, benigna até ao ponto de só a fazer sentir aos que precisavam ser penitenciados; e não havia aqui perguntar d'onde vinha a voz que lhes apontava o fanal da honra, nem o escabujar do incorrigível ao merecido tagante.

Se a calumnia estava banida, a verdade, por amarga que fosse, devia ser accete como remedio para a cura, e seguir-se a prescripção do dever com a submissão de uma consciencia arrependida.

Longe d'isso, cada criminoso, ao ouvir soar a hora da expiação, aferrado aos seus delictos,—inquiria de cada sombra qual era o seu algoz, de cada penna qual era o seu punhal, e de cada homem qual era o seu tiranno, que vinha evangelisar o dever nas suas almas corrompidas.

Tem-lhes sempre respondido a incerteza, o enigma nebuloso, o mysterio do castigo, a vaga penumbra d'onde a verdade surge impávida, e o echo remoto do pé que lhes recalca o vicio.

Nunca sereis mais felizes no farejar do vosso supplicio, e cada vez vos expondes mais aos fogos de quem vos dá caça.

O caçador intemerato busca a fera no seu covil, attrahe-a e'negaça á ponta d'um rochedo, e d'abi arremeça-a no abysmo, partido o cráneo com uma balla da sua carabina certeza.

É assim que duas feras,—ou antes dois embecis,—vieram já collocar-se a peito descoberto, ao alcance das minhas baterias.

Bem hajais.
Ora vem tu cá, meu Alcaide d'entremez, e diz-me porque tanto te offendeste, com te mostrar o papel ignobil que representas, na eterna farça da tua vida, de cangosta em campo de milho, e pelas possilgas das miseraveis? Foi isto muito? E o escandalo a immoralidade, e o grande prejuizo da sociedade não é nada?!

Imagina-te casto por um pouco, e reflecte no que deverias fazer se um teu administrador habitasse aqui uma casa, com sua mulher ainda nova, uma filha já senhora, outras ainda em botão, um filho quasi homem,—e que a quarenta passos, e em frente, demorasse a escola publica, construída a expensas do Conde de Ferreira, transformada em prostíbulo d'aquelle, em immundo harem, n'uma especie de—Arca—, boiando n'um diluvio de... (*frase de Cambrone*) e de vicio!!!

Esboçado assim o quadro, permite-me duas pincelladas mais. Na tal Arca, onde a toda a hora esvoaça o *corvo lobrico*, reside o pae, a mãe, irmãos, sobrinhas, e não sei que mais parentada da medonha *Fornarina!* Vai commentando...

Um pouco mais além, e á esquerda do edificio da escola, mais outro prostíbulo, onde se vê uma mulher macerada pelo vicio, e umas poucas de creancinhas penduradas na infeliz!

Sempre andando, e n'nm perimetro de quinheiros metros, quasi outros tantos alcóices, assignalados pela pégada do infatigavel *Judeu-errante*, d'onde sahem praças para todo o exercito do crime e do deboche!

Acharás pouco ainda n'um teu administrador, para o entregares a todo o momento á policia correccional, ou a um *arrocho?*

Uma palavra que offende a moral publica, é que se vai remir na cadêa e com a bolsa, será tam vexatoria em face da sociedade, que muitas vezes a não ouve, como aquelles escandalos que todos veem?!

Ah! desgraçado Código Penal, que te pejaste de tanta futilidade, e que deixaste este campo aberto ao que ha de mais pernicioso!

Aqui temos nós em prespectiva um thema vastissimo, senhor Alcaide, e que havemos de compulsar nas longas noites d'inverno, que se avisinham; mas para isso hade-me prometter uma coisa:—o amigo não saltará mais por sobre a Carta de franquia de todo o cidadão, para lh'entrar de noite em casa, sem licença, e abusivamente, e para lançar a mão ao primeiro papel que lhe encontre sobre a meza.

Isto é tambem outro *biquinho*, que, por mal informado, deixo para melhor e mais oportuna occasião. Prende com as tentativas de descobrir o correspondente da *Cruz e a Espada*, e é mais uma recommendação de quanto pode e vale o Sultão.

Tino tem o homem, Deus me perdoe se minto, e tanto que, vejâmos.

Mas antes—e sem mais formalidade na sua apresentação,—venha v. tambem cá, sr. Fulano, que por sobrenome não perca. Diga-me aqui muito á puridade:—o correspondente da *Cruz e a Espada* offendeu-o muito tambem nos seus melindres, por lhe chamar *pedinte encadernado de lentijoulas, e miseravel.*

Elle foi-lhe, porventura, tocar em testamentos falsos, em escripturas por igual, no facto que lhe avolumou os appellidos com o—d'Azevedo—, no recentissimo escandalo com o Inspector do sello, que, por humano, e demasiadamente delicado, puchou do seu bolso um bom par de libras, e lhe pagou a multa dos sellos, que V. por decencia não devia aceitar?

O correspondente não lhe tocou n'esta materia que será um segredo entre nós, *salvas certas conveniencias*; nem tão pouco o offendeu como pae, que descura completamente a educação moral de seus filhos, que mostram uma aptidão inexcedível para a *esgrima*, e para mais alguma coisa. A este respeito nada lhe disse, nem lhe dirá, salvas ainda as taes conveniencias...

O que lhe vai agora dizer, e asperamente censurar, é o facto que no dia 2 do corrente se deu no Campo da Feira entre v. o Frade da Loureira, e o Ignacio Vintem.

É tão revoltante, que custa a dizer-se em termos commedidos!—mas vejâmos. Onde não foi narrado com a expressão da verdade V. emende, que eu reloco, mas foi assim que m'o contaram.

O Frade da Loureira, tambem conhecido pelo—*Papa*—, na qualidade d'escrivão do juizo ordinario de Villa Verde, foi ter com V. e disse-lhe:—que visto V. ser intimo da casa dos Vintens, *muito amigo* da mãe d'ignacio, do *coitadito* do pae do mesmo, e de toda a mais familia, o vinha prevenir de que tinha a fazer um arresto ao tal Ignacio, a menos que elle não fosse logo pagar ao credor, que o apertava (a elle Frade) ao cumprimento do seu dever, o que seria mais suave que, depois, com as custas.

V., em seguida, leva o Frade ante as iras e a proverbial ruindade do Ignacio, acirra o caso, segura os braços do Frade, que já tem perto de 80 annos, e... deixa arder!

Os pontapés começam a ferver-lhe nas canellas, as bofetadas estalavam-lhe na cara como castanhas, e os improperios, em alto berreiro, faziam acompanhamento á musica da sóva!

O pobre Frade bem gritava Ah! d'El-Rei! —o parvo que não sabe estamos na Mourama: dissesse—Aqui Sultão!—em vez de—Aqui Rei, e veria como o sultão lhe acudia.

Assim appareceu a *gentil criança*, seu filho mais velho, que lá foi com o Vintem beber duas pingas pela saude e prompto restalecimento do *Papa*.

É bonito? goston? fallei bem?

Isto seria perdido em pouca gente, como o outro que diz; mas por ter sido presenciado por muita, em pleno campo, á côr do dia, será de toda a moralidade que o *medo* dê algumas providencias. Aguardemos.

A primeira parte que o Sultão desempenhou na comedia da contenla foi de bem avisado, e d'homem para as occasiões do perigo. Viu de longe a *coisa*, abriu o guardasol em frente da botica, como se temesse alguma perdida que viesse da refrega, e... poz-se ao fresco.

Todos gostaram muito; e o Sultão d'esta mourama tambem gostou, hein?

Até mais vêr, lindos meninos!

Y.

CONSELHO DE DISTRICTO

Sessão de 25 de Agosto

(EXTRACTO)

CONSULTIVOS

Foi de parecer que estava nos termos de ser approvado o estatuto da irmandade da

Senhora da Luz, da freguezia de Creixomil, do concelho de Guimarães.

Foi o conselho de parecer que fossem approvados os seguintes orçamentos respeitantes ao anno de 1882-1883:

No concelho de Barcellos, da confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos, da freguezia de Manhente.

No concelho de Braga, S. Sebastião da freguezia de Tenões; do Menino Deus, da freguezia de Real, e do Collegio da Regeneração.

No concelho de Espozende, do SS. Sacramento, e Almas, da freguezia d'Apulia; Senhora do Rosario, da freguezia de Gemezes.

No concelho de Guimarães, da Senhora do Rosario, da freguezia de S. Thyago de Lordello.

No concelho de Terras de Bouro, das Almas, da freguezia de Covide.

No concelho de Famalicão, Senhora do Rosario, da freguezia de Requião.

Foi ainda de parecer que fossem dissolvidas as mezas das confrarias da Senhora da Purificação, da freguezia de Panoias, do concelho de Braga, do SS. Sacramento, das freguezias de Fonte-Boa, do concelho de Espozende, e de Chorente, do concelho de Terras de Bouro.

CONTENCIOSOS

Approvau as seguintes contas:

No concelho de Amares, das Almas, da freguezia de Barcellos, dos annos de 1857-58 a 1880-81; SS. Sacramento, da freguezia de Rendufe, dos annos de 1849-50 até 1880-81.

No concelho de Barcellos, da Senhora do Rosario da freguezia do Abade da Neiva, e Santo Antonio, da freguezia de Martin, dos annos de 1844-45 até 1879-80.

No concelho de Espozende, da Senhora do Rosario, da freguezia da Gandra, dos annos de 1851 a 52 até 1880-81.

No concelho de Lanhoso, da Senhora do Rosario, da freguezia de Font'Arcada, dos annos de 1841-42 até 1880-81.

No concelho de Villa Verde, da Senhora dos Anjos, da freguezia de Oleiros, dos annos de 1841-42 a 1880-81; das Almas, da freguezia de Villa Verde, dos annos de 1852-53 a 1880-81; do SS. Sacramento, da freguezia de Novegilde, dos annos de 1841-42 a 1880-81 e do SS. Sacramento, das freguezias de S. Miguel da Carreira, dos annos de 1841-42 a 1879-80.

NOTICIARIO

Atenção.—Pedimos aos nossos leitores que meditem um *poquillo* no nosso artigo de fundo, e depois nos dirão se o homem é ou não nosso.

12	DE AGOSTO	82
N.º 29		
A «CRUZ E A ESPADA»		
QUERELLADA		
A redacção curva-se reverente deante de S. Ex. ^{ca} , o mui alto, sabio e poderoso senhor d'este cantão chamado outrora <i>Braccara Augusta</i> dos antigos Cezares.		
Salvé novo Consul!!!		
Agradece Ao Ex. ^{mo} Sr.		

Triunpho de um jornal catholico

Gloria de um jornal legitimista

Jeronymo

Pimentel

O Nascimento da Virgem.—Festejou-se hontem na santa Igreja de Deus o dia do anniversario natalicio da Rainha da humanidade. Em tempos de mais crêncã, via-se no dia 8 de setembro tremular gloriosa a bandeira das Quinas sobre as cupulas dos praças reaes. Em todos as fortificações e praças de guerra as salvas d'artilharia saudavam o nascimento da Princesa das nações; os exercitos formados em paradas d'alegria, victoriavam na frente dos seus monarchas a Mae Virgem do Deus d'Ourique, que o mundo proclamou tres vezes santa.

Em outros tempos, o dogma christão da Conceição era o credo universal das nações; hoje a impiedade tracta de destruar os dias mais grandiosos consagrados ao nome de Maria!

Foi o que se viu hontem, havendo trabalhado em todas as repartições publicas!

Felizes monarchias aquellas em que no dia 8 de setembro se arrancava do diadema da realêsa o brilhante mais esplendoroso para com elle se adornar a corôa da Padroeira de Portugal.

Chora Villa-Viçosa, lamenta a descrença do coração portuguez, que colloca hoje a liberdade a cima do culto que se deve render á Princesa da christandade.

É pois, certo que nas regiões officaes não se guardon hontem a santidade do dia.

Completaram-se na 6.^a feira de hontem 242 annos que el-rei D. João 4.^o mandou que a Universidade de Coimbra jurasse a *Conceição Immaculada da Virgem*, sendo o juramento concebido da seguinte forma:

«Nós, Senhora, juntos aqui todos em corpo d'esta insigne Universidade, votamos, promettemos e juramos firmemente, de nossa livre vontade, a Deus Todo Poderoso, e a Vós Santissima Mae Sua, de defender, prégãr, ensinar, publica e particularmente, que Vós, Virgem Bemaventurada, Santa Immaculada, e Bendita entre todas as mulheres, pelos merecimentos de Jesus Christo, Filho Vosso, e Senhor e Redemptor universal de todo o genero humano, previstos, e acceitados desde a eternidade, fostes totalmente preservada da mancha do peccado original, por particular favor e privilegio da Divina Graça, de sorte que, nunca em nenhum instante, contrahistes em Vossa Santissima Pessoa, a tal macula e peccado, e que fostes sempre Pura, Santa, Immaculada e cheia de Graça.»

Existente este documento precioso, que honra a fé dos verdadeiros catholicos, no archivo da universidade. Acaso o patriotismo do seu assumpto valerá mais do que as leis do sanguinario marquez de Pombal?—Que responda a isto essa parte d'academia que ainda não vai a muito protestou contra a perigrinação ao Sameiro dos piedosos academicos de Coimbra.

Estes romeiros, que vieram honrar Braga, não fizeram mais que reivindicar o brio religioso do povo portuguez. Vieram em cortejo, perante a Padroeira da nação fidelissima fazer aquillo que nega a liberdade, que dirige os destinos do paz. Souberam, finalmente, comprehender as leis universitarias, que notavelmente assignalaram a governação d'el-rei D. João 4.^o nobremente approvada pelos inclitos varões da patriótica cruzada de 1610.

Peregrinação a Roma.—Publicamos hoje a traducção da circular que a Commissão executiva de uma nova Perigrinação a Roma endereçou aos catholicos. É mais um protesto do bom povo hespanhol e uma adhesão ao venerando successor de S. Pedro, mais um preito de homenagem ao Vigario de Christo.

A' vante catholicos hespanhoes!

Assim os nossos bispos dessem igual testemunho de seu affecto; pois que a Peregrinação será presidida pelo Sr. Gardeal, Arcebispo de Toledo.

No dia 22 de setembro sairão de Madrid os primeiros grupos de peregrinos, que voltarão antes de trinta dias á sua patria.

A Peregrinação será uma das mais importantes, pois até diversas companhias dos caminhos de ferro, assim hespanhoes como francezes, fizeram abatimento de 50 por cento nos bilhetes de passagem.

Deus abençõe os Romeiros que assim dão tamanho testemunho de sua fé, e os restituam e salvos ao seio da patria e familia.

A' Camara —Perguntamos a esta nossa *elleta* para bem representar e administrar os interesses do municipio—o seguinte:

1.^o Ha, ou não na camara de Braga engenheiro *pedreiro* ou *calceteiro* que olhe para essas obras vergonhosas, que todos os dias se estão fazendo, e que, longe d'aformozear a cidade — reduz cada vez mais ao estado decadente e pouco lisongeiro a 3.^a capital do reino?

2.^o Foi, ou não a Ex.^{ca} Camara que concedeu licença para se fazer um paredão proprio para barracão de circulo de cavallinhos, como aquelle que se apresenta aos olhos de todos, na rua da Sé, que é uma vergonha e um escarneo para os municipes, e que demostra o nosso atrazamento aos olhos dos viventes?

3.^o Não ha na Camara quem visse a *porcaria* que se fez na rua de D. Frei Caetano Brandão, aberta de novo e que tanto dinheiro custou, para ali se fazer um recanto para velhacouto de poucas vergonhas, e deposito de immundices?

4.^o É assim como se gasta o dinheiro, fazendo-se obras á vontade dos *compadres*, e menospezando-se os interesses do municipio.

Ha escandalos que não tem classificação. Prosequiremos.

Incendio.—Na 5.ª feira pelas 10 horas e meia, deram as torres signal de incendio para o lado das travessas. Era na rua do Farto e na casa aonde habita a sr.ª D. Ignacia da Cunha, pertencente ao snr. Luiz Pinto da Cunha e Souza. Havia pegado na chaminé; e como fossem de prompto prestados os socorros, não foi preciso o serviço das bombas, que appareceram no local do incendio. Um dos vereadores pediu uma vassoura! Foram pequenos os prejuizos.

Communicação-nos de Avidagos.—Grassa n'esta freguezia uma epidemia mortal no gado suino que está causando grandes prejuizos.

—Estamos sentindo uma grande secca e falta d'agua, ha muito que aqui não choveu, a agricultura tem-se resentido bastante.

—Na romaria de Santa Cecilia, proximo de Villa-Flor, houve grave desordem! tiros, pauladas etc.; ficaram algumas pessoas feridas e fizeram-se algumas prisões.

N'outra romaria tambem houve pancadaria. Alguns romeiros, depois de terem bebido bem, tratam de se penitenciarem uns aos outros; disciplinando-se de diferentes modos.

Orar é no que menos se pensa.

Os tumultos em Meda.—O povo agitou-se contra a cobrança dos tributos municipaes, e, no auge do seu desespero apedrejou a authority que se refugiou no quartel do destacamento; porem, não tardou a ordem para que se espargiasse o povo!

O sangue correu e o povo foi victima. Ha a lamentar 3 vidas, filhos do povo que lutavam com a fome. Ha muitos feridos.

A vante rapasiada—isto é que é liberdade—o povo tem fome e pede pão, e o snr. Fontes manda pelos seus arautos dar-lhes chumbo fervido pelo calor da polvora!!!

Imploramos agora dos regeneradores uma subscrição para a mortalha das suas victimas. Ah! malditos assim nos bebes sangue!!

Salteadores.—Noticiam de Monsão, em data de 4:

Hoje o snr. Francisco José Fernandes, acreditado negociante d'esta villa e agente de varios bancos, levantou-se ás 3 da manhã, e poz-se a trabalhar na loja com uma das portas meio aberta, tendo mandado os caixeiros á missa d'alva.

Quando os caixeiros chegaram da missa, encontraram o patrão deitado no chão, atado de pés e mãos e sem fala.

Recebendo o snr. Fernandes os primeiros socorros da medicina, disse que só se lembrava de ter-se chegado a elle um individuo que não conheceu, o qual lhe chegara um vidro ao nariz e ao mesmo tempo apagara a luz. Procedendo a gente da casa a exame no sitio onde costumava estar o dinheiro, viu-se que estava roubado; os salteadores levaram todo o dinheiro que havia em casa, mas o snr. Fernandes ainda não pode precisar a quantia.

Cura da tísica.—Reproduzimos de um collega francez:

Um importante cidadão de Bordeus prolonga e fortifica o fio da sua existencia, com prejuizo de raça canina.

«Ha tres annos que os seus medicos o advertiram de que se encontrava no ultimo grau da tísica. Logo que lhe deram esta fatal noticia, contrahi o costume de se deitar com o seu cão favorito. Bem depressa o fiel animal manifestou sintomas evidentes de perturbações no pulmão, e morreu por ultimo, com grande sentimento de seu amo, que no dia seguinte comprou outro, para o tornar, tambem, seu companheiro de cama.

«Algum tempo depois, o pobre cão succumbia, como o primeiro. O enfermo procurou ainda outro, que provavelmente desaparecerá da mesma forma que os anteriores, mas sente-se muito melhor, e espera restabelecer-se por completo, depois de ter feito mais cinco ou seis victimas.»

Falsario.—Um collega villarealense noticia o seguinte:

O snr. Candido Magro, escriptão da camara municipal de Villa Pouca d'Aguiar, achase pronunciado sem fiança pelo crime de falsificação do recenseamento eleitoral do concelho, pertencente ao anno de 1881. Era escusado dizer que aquelle empregado foi, infelizmente para elle, um agente dos regeneradores.

Atrocidade.—Commeteru-se na Irlanda um attentado horrivel.

Nas immediações de Maamstrassna, districto de Connemara, habitavam uma granja, de que é proprietario o coronel Clements, John Jayce, de quarenta e cinco annos de idade; sua esposa, de quarenta e tres; uma filha, dezoito; dois filhos, dezeseite e doze

respectivamente, e a mãe de John, de oitenta e cinco annos.

A um hora da noite de 21, acordaram todos em sobresalto, a uns golpes que se davam na porta da granja.

John saltou do leito, mas no mesmo instante foi dentro a porta, franqueando a entrada a 4 homens mascarados, que o derribaram, amolgando-lhe a cabeça com uma barra de ferro. Já no solo, recebeu duas balas.

Acto continuo, os assassinos degollaram a mãe, a mulher, a filha e o filho mais velho; o segundo, gravemente ferido, ha esperanças de o salvar, e foi elle quem relatou o crime.

Julga-se que os assassinos são membros da «Land-League».

bro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais dêr.

(63)

Photographia Bracarense

RUA DA BIA-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, que accomoda uma familia, tendo um bom quintal, com arvores de fructa e vinho, produzindo já tres pipas d'este liquido, e agua de lima e bica com seu tanque para lavar e regar; não tendo dominio directo sendo emphyteuta.

Este predio é situado na rua nova de Santa Cruz, proximo aos Piões e junto á linha americana, designado pelos numeros 4, 4 A e 4 B.

Quem pretender comprar este predio, entender-se-ha com seu dono, morador na mesma casa, ou na rua de Nossa Senhora de Guadelupe n.º 4. Declara-se que se porventura ao comprador fizer melhor conta ficar com a maior parte do seu valor na razão do juro legal e com hypotheca no mesmo predio, o poderá fazer.

Francisco Martins da Silva Araujo, da rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, faz publico para todos os effeitos legais, que seu irmão José Maria Martins da Silva, se acha á muito tempo no deploravel estado de demencia, e por isso inhibido de poder encarregar-se de qualquer venda de objectos ou de outro qualquer negocio—pelo que, desde já declara, em vista do estado em que se acha, que senão responsabilizar por cousa alguma respeitante a quaes quer objectos para vender, empenhar, ou de que fór encarregado por qualquer forma.

E para que ninguém allegue ignorancia de futuro faz o presente annuncio, retirando por esta forma de si toda e qualquer responsabilidade.

Braga, 29 de agosto 1882.

Francisco Martins da Silva Araujo.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.ªs Snrs. Hospedes, as comodidades precisas tanto em acio como em limpeza, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

COLLEGIO

DE S. BENTO

LARGO DE SANTO AGOSTINHO N.º 8

BRAGA

Abriu-se este novo estabelecimento de educação e ensino, para crianças do sexo masculino.

Admitte desde já alumnos internos, semi-internos e externos, para as diversas disciplinas que n'elle se hão-de cursar, as quaes serão confiadas a pessoas competentes.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director.

(50) Bento Desiderio Peixoto Querido.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata-se na redacção d'este jornal.

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

Meditações

para todos os dias do anno

POR M. HAMON

Traduzidas da terceira edição franceza por Francisco Luiz de Seabra

Acaba de sahir á luz esta excelente obra que, publicada, ha poucos annos, em França conta já tres edições. E', para assim dizer um jardim de flores, cujo perfume o clero e os fieis, para cujo uso é destinada, podem aspirar com delicias. O author, compondo-a propoz se ajudar as almas christãs a conhecer melhor Deus com as suas infinitas perfeições e os seus adoraveis mysterios para melhor o amar e servir, a conhecer-se melhor a ellas mesmas com os seus defeitos e deveres para melhor se corrigirem e progredirem nas virtudes. N'este seculo frivolo e leviano, em que cada um se occupa sómente nos factos esteriorios, ha muito poucas almas, que reflectam seriamente n'estes grandes e santos assumptos, muito poucas que meditem cada manhã com cuidado quando Deus merece ser amado e servido, como servirão no dia presente, e o que farão para sua propria salvação ou sua santificação. Como remedio a este mal, o author julgou util facilitar ás almas de boa vontade o exercicio tão importante da oração, pondo-lhes nas mãos, não uma obra litteraria, que se dirige ao seu espirito, mas um curso de meditações, que se dirija ao seu coração, para ser lido pausado e a attentamente, com uma alma reelecta, afim de entrar em si mesma e de se converter a uma melhor vida.

A obra constará de seis vollumes portateis. Preço de cada volume, 400 reis.—ERNES-TO CHARDRON, Editor—Porto.

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

URGENTE NECESSIDADE

DE

UMA CRUZADA

PARA A

LIBERTAÇÃO DO SUMMO PONTIFICE

POR

D. JOSÉ MARIA CARULLA

Advogado do Illustre Collegio de Madrid e director da Civilisacion

TRADUCCÃO PORTUGUEZA

POR

Antonio Mesquita

Antigo alumno do curso triennal de theologia no Seminario do Porto, jornalista, professor d'ensino livre, etc.

Summario das Materias

Carta do auctor ao traductor—Tradução da carta do auctor ao traductor—Dedicatoria—Capitulo I. Introduccão—Capitulo II. O Papado e o poder temporal dos Summos Pontifices—Capitulo III. A lei das garantias—Capitulo IV. Pio IX e Leão XIII—Capitulo V. A Italia e os «italianissimos»—Capitulo VI. Justificação da Cruzada—Capitulo VII. Possibilidade da Cruzada—Capitulo VIII. Dificuldades da Cruzada e indicações do que pôde fazer-se para vncel-as—Capitulo IX. Excitação á Cruzada—Capitulo X. Conclusão—Nota do traductor.

1 vol. do 270 paginas.... 400 reis

Pelo correio f. 425 »

J. J. de Mesquita Pimentel—Editor
51, Rua de D. Pedro, 53—Porto.

Typographia Lealdade—Rua de Jano N.º 1.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARRIA

SUMMARIO do n.º 23—*O Sagrado Coração de Maria*, por A. Moreira Bello—*S. Luiz, rei de França*, por A. Moreira Bello—*Saudades da Virgem* (poesia), por Maria das Dores—*Noticia historica da fundação do templo de Nossa Senhora do Porto d' Ave*, por João Baptista da Silva Ramos—*A S. Agostinho* (poesia), por ***—*Recepção de Maria no ceu*—*Pequenas conferencias sobre o Christianismo*—*Mensagem dos judeus húngaros ao cardeal primaz da Hungria*—*Quinto mysterio do Rosario; a coroação de Maria*—*O irmão dos Anjos*—*A consolação dos christãos e o desespero dos impijos á vista da morte*—*A perola d'Antiochia*—*Intenção geral para setembro de 1882*—*Chronica*.

SUMMARIO do n.º 24—*Natividade de Nossa Senhora*, por A. Moreira Bello—*A Aurora Divina* (poesia), por Maria das Dores—*Algumas flores lançadas sobre o berço de Maria*—*Ao Nascimento de Maria* (poesia), por Francisco Alves Rezende—*A visita de Jesus*—*A Santa Rosa de Viterbo* (poesia), por ***—*A educação da SS. Virgem*, por Denys—*Discurso*—*Uma sala de hospital*—por X—*A memoria da primeira communhão* por J. T.—*Chronica*.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, profundamente agradecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram seus valiosos serviços por occasião do fallecimento e do funeral de sua sempre chorada consorte e mãe, D. Leopoldina Carolina de Mesquita, fallecida na sua residencia da Quinta da Armada, d'esta cidade de Braga, no dia 4 do corrente mez, veem, por este meio, significar-lhes os mais sinceros protestos d'indelevel gratidão.

Braga, 22 d'agosto de 1882.

Dr. Bento Joaquim de Mesquita Pimentel.

P.º Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel.

Bento Joaquim de Mesquita.

Maria Benedicta de Mesquita Pimentel.

Leopoldina Carolina de Mesquita.

Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

José Joaquim de Mesquita Pimentel.

Pedro Joaquim de Mesquita Pimentel.

(68)

ANNUNCIOS

Manoel José da Silva Mello, tendo de mudar a sua residencia para a cidade do Porto vem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, despedir-se de todas as pessoas suas amigas, offerendo-lhe ali a sua morada na rua de S. Jeronimo 122, bem assim o seu limitado prestimo.

Braga, 28 de Agosto de 1882.

A VISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.º 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debidade mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setem-